

VOZES POÉTICAS: A PLENITUDE DO SILÊNCIO EM SOPHIA DE MELLO BREYNER E JOSÉ BARBOSA

CABRAL, M. W. O.¹

¹Mestra em Teoria e Crítica Literária pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás. Professora de Teoria Literária, Literatura Portuguesa e Cultura Brasileira no Centro Universitário UnirG em Gurupi-TO.

RESUMO

Este estudo pretende traçar paralelos entre poesia e artes plásticas, buscando apreender como as obras de Sophia de Mello Breyner e José Barbosa dialogam em um contexto artístico-literário, no qual as fronteiras entre o poema e a pintura podem ser superadas, quando se pensa em posturas que buscam retratar o silêncio da paisagem, da terra e, sobretudo, do mar como ideal estético.

Palavras-chave: Poesia. Artes plásticas. Teoria literária.

ABSTRACT

This study attempts to draw parallels between poetry and plastic art, seeking to understand how the works of Sophia de Mello Breyner and José Barbosa dialogue in an artistic and literary context in which the boundaries between the poem and the painting can be overcome, when thinking about attitudes that seek to portray the silence of the landscape, the land, and especially the sea as aesthetic ideal.

Keywords: Literary theory. Plastic arts. Poetry.

Questionar sobre o que o poema e a pintura podem ter em comum, além do fato de ambos pertencerem ao mundo da arte, é querer compreender todas as formas de sentimento humano. As artes, de forma geral, sempre estiveram entrelaçadas à procura de novas formas de comunicação e expressão para registrar o nosso tempo. E é exatamente isto que a poesia e as artes plásticas fazem: dialogam entre si e com quem as admira, registra sentimentos, faz leituras diferentes de uma mesma realidade.

Outro questionamento que pode ser feito ainda, é o que a poetisa Sophia de Mello Breyner tem em comum com o pintor José Barbosa, além de serem portugueses nascidos na mesma cidade, Porto? Certamente, as respostas não se baseiam nos limites que essas perguntas impõem, mas antes estão na maneira como a arte pode ser pensada a partir de diálogos implícitos, de posturas afins que buscam no silêncio, um ato de purificação, de forma que a superação do real ganhe contornos de transcendência. Neste sentido, o que liga a poetisa Sophia de Mello Breyner¹ ao pintor

¹ Sofia de Melo Breyner Andresen, nasceu na cidade de Porto em 6 de novembro de 1919 e faleceu em Lisboa em 2 de Julho de 2004. Foi uma das mais importantes poetisas portuguesas do século XX. Foi a primeira mulher portuguesa a receber o mais importante galardão literário da língua portuguesa, o Prêmio Camões, em 1999. Criada na velha aristocracia portuense, educada nos valores tradicionais da moral cristã, foi dirigente de movimentos universitários católicos quando frequentava Filologia Clássica na Universidade de Lisboa (1936-39). Veio a tornar-se uma das figuras mais representativas de uma atitude política liberal, apoiando o movimento monárquico e denunciando o regime salazarista e os seus seguidores. Ficou célebre a sua Cantata da Paz "Vemos, Ouvimos e Lemos". Os seus poemas com ligação forte ao Mar foram colocados para leitura permanente nas zonas de descanso da exposição,

José Barbosa² é um processo de elaboração artística que tem no ‘silêncio’ a crença de que é possível articular uma arte voltada não apenas para a realidade e suas representações, mas para algo que identifica os significados plenos das coisas concretas ou abstratas. Assim, temos a oportunidade de conhecer o encantamento, da união perfeita entre a matéria e o espírito, entre o desejo e a criação. Tanto o texto poético, quanto a tela, ocupam, assim, para estes dois artistas, um frágil lugar entre a existência e a reflexão do ser no mundo, de forma que o processo de transposição através da palavra e da pintura confere à criação a sua missão mais sublime: exalar a beleza, numa conexão ideal entre o ser humano e a realidade que o cerca, tentando compreendê-la e torná-la compreensível. Assim, a criação artística transforma-se em espaço de apreensão entre a forma almejada e a realidade vivenciada. Algo semelhante ao que Sophia Breyner afirma em um de seus depoimentos na ocasião do recebimento do Grande Prêmio de Poesia atribuído a *Livro sexto* em 1964:

Sempre a poesia foi para mim uma perseguição do real. Um poema foi sempre um círculo traçado à roda duma coisa, um círculo onde o pássaro do real fica preso. [...] Quem procura uma relação justa com a pedra, com a árvore, com o rio, é necessariamente levado, pelo espírito de verdade que o anima, a procurar uma relação justa com o homem. (ANDRESEN, 2004, p.18).

Talvez não seja à toa que ‘realidade’ seja uma das palavras chave para se entender a obra de Sophia Breyner e de José Barbosa. Quando Barbosa apresenta sua belíssima pintura sobre ‘paisagens’, não tinha pretensão de fazê-la com propósito de fixar-se em um estilo artístico em série, como ele mesmo afirma: “eu pinto conforme me dá vontade, tem épocas que me apetece só pintar paisagens, outras abstractos outras nus, não tem séries, tem estados de espírito.”³ Merleau-Ponty (1975, p.27) em seu ensaio *O olho e o espírito*, afirma que “O pintor vê, sente, opera e transforma o mundo a partir de uma perspectiva particular, singular, própria, sucessiva, que nunca é igual, nem para ele mesmo.” A ausência dessa igualdade pode estar relacionada à instabilidade emocional do pintor. Assim, Barbosa em seus quadros, retrata a magia inabalável da paz e o fascínio de tudo que é visualmente belo através de seu estado momentâneo de espírito.

Não muito diferente, se dá a produção poética de Sophia de Mello Breyner (2004), pois, como ela mesma afirma: “Metade da minha alma é feita de maresia.”

permitindo aos visitantes absorverem a força da sua escrita enquanto estão imersos numa visão de fundo do mar.

² O pintor José Manuel da Silva Barbosa nasceu na cidade de Porto em 06 de setembro de 1961. Autodidata, frequentou a Escola de Artes Decorativas Soares dos Reis, no período de 1973 a 1978. Embora sempre demonstrasse interesse pelas artes, e pela pintura em particular, começou a dedicar-se à pintura, em 1993, a princípio por brincadeira, e depois incentivado por amigos, que lhe reconheceram alguma capacidade, começando desde logo a comercializar quadros, tendo bastante aceitação no mercado. Participante de exposições coletivas e individuais em diversas Galerias de Arte. Participou nas Edições de 1997, 1998, 1999, 2000 e 2001 da Feira de Arte Chapim Azul, no parque de S. Roque, com o patrocínio da Câmara Municipal do Porto, também na campanha DAR COR A TIMOR, iniciativa do Jornal de Notícias, oferecendo um acrílico s/tela, que foi leiloado em 20/12/1999, revertendo o dinheiro para ajuda ao Povo Timorense. Sócio da Cooperativa de Atividades Artísticas ARVORE desde 1999. Teve artigo publicado na "Revista de Arte DOMANI" nº 17 e 21 na "Secção Espaço Cultural" com 8 fotos Aquarelas e na Secção "Galeria de Arte da Coleção de Pintura DOMANI" (Revista Brasileira). Seus principais temas são paisagens da cidade do Porto, nus femininos, retratos e efeitos de luz e sombra sobre a natureza morta e imagens abstratas.

³ Afirmação de José Barbosa numa conversa informal sobre sua criação artística em 11/03/2010 pela Internet.

(p.272). Neste verso Sophia descreve o seu modo próprio de sentir e ver a vida, faz a revelação de sua alma poética, o que constitui a sua essência. Metaforicamente, ela é como o mar e suas variações de marés.

Tanto a pintura de José Barbosa, quanto a poesia de Sophia Breyner revelam os caminhos do silêncio, sendo a praia o espaço de contemplação e renovação espiritual. Uma maneira de alcançar a plenitude da calma, da paz que liberta o espírito para a criação de sua arte, e assim integrar toda a sua alma poética.

No quadro abaixo, *Paisagem do rio Douro e da cidade do Porto*, vê-se o jogo de luz e sombra perfeitas, e composição de qualidade, deixando claro o elevado apuro técnico com que executa sua obra na plenitude do silêncio.



2007-Barra do Douro- Acrílicos_Tela 30x100.JPG

De todos os cantos do mundo
Amo com um amor mais forte e mais profundo
Aquela praia extasiada e nua
Onde me uni ao mar, ao vento e à lua.

No universo poético de Sophia Breyner tudo se move com a maior liberdade, é o movimento contínuo da natureza, considerando ainda que o vento é a metáfora do vôo, o que movimenta, embala os elementos da natureza e eleva o espírito. Também há evidências de uma visão transcendente-imanente da vida, como afirma Nietzsche (s/d, p. 41), enfatizando a necessidade humana de ir além em si mesmo, de criar um mundo à parte para explicar seu desejo de liberdade:

Como tornamos tudo claro, livre e fácil em torno de nós! Como soubemos dar a nossos sentidos livre acesso a tudo o que é superficial, a nosso espírito um elã divino para travessuras e os paralogismos!

Sophia transcende a realidade, mantendo sempre viva sua fidelidade para com o mar, recorrendo a ele de forma serena; busca o distanciamento da realidade efêmera, busca o eterno, numa ausência silenciosa, por meio de elementos que destaca sua essência solitária. O mar, o vento e a lua são tratados como lugar de refúgio, vastidão deserta, exílio da alma.

Para Erich Fromm (1979, p.49), o homem possui a necessidade de transcender, de ir além daquilo que lhe é imposto. No ato de criar, ele transcende à própria existência e sempre almeja a liberdade. “Na necessidade de transcendência que tem o homem estão as raízes do amor, bem como da arte, religião e produção material.”

Barbosa também demonstra sua aspiração ao transcender através da pintura, ele apresenta sua necessidade de se inserir numa dimensão una e o mar é o caminho pelo qual irá “alcançar o céu”, a plenitude de seus sentimentos. No mar ele mergulha em seus desejos, através dele acredita que irá encontrar-se com a eternidade.



2008-Rebentação no Farol do Douro-Acrilico S_Tela 20x30.jpg

Eram os caminhos num ir lento,
Eram as mãos profundas do vento
Era o livre e luminoso chamamento
Da asa dos espaços fugitiva.
Era a verdade e a força do mar largo,
Cuja voz, quando se quebra, sobe,
Era o regresso sem fim e a claridade
Das praias onde a direito o vento corre.

Com esta prosopopeia, a poeta estabelece um diálogo com o mar, que a convida a transpor a realidade. Bachelard (2001, p. 49) afirma que: “Para ouvir os seres do espaço infinito, é preciso silenciar todos os ruídos da terra”. Neste aspecto, tanto Sophia quanto Barbosa almeja ir além das possibilidades humanas. Transcendendo por meio do silêncio, indo rumo à metafísica, os artistas constroem por meio da arte, a fonte da expressão de suas almas poéticas.

Tanto na tela, quanto no poema, mostra-se clara a relação com o mar, “Cuja voz, quando se quebra, sobe”, é o espetáculo admirável de contemplação, um estado elevado de espírito em que o artista movido pela sensibilidade vê e ouve o canto do mar num êxtase de cumplicidade. Assim, em relação à linguagem, tanto as artes plásticas, quanto à literária podem ser comparadas em todos os seus aspectos de expressão, abstendo-se, somente, diante daquilo que representam. Cada qual tem uma visão e uma forma distinta de se expressar. Como formula Merleau-Ponty (1975, p. 337): “a pintura e a linguagem só não são comparáveis quando destacadas do que “representam”, reunidas sob a categoria da expressão criativa. Reciprocamente então se reconhecem como duas figuras da mesma tentativa.”

Mas o certo é que tanto nesse quadro, como em outros que retratam o rio D’Ouro e a cidade de Porto, percebe-se a poesia manifesta na paisagem, poesia esta que reflete o estado de alma do artista, que também é revelada na superfície das telas através da presença da cor azul que retrata o céu e as águas do rio. Simbolicamente, esta é a cor do espírito e do pensamento, acompanhada quase sempre do branco⁴ que segundo a simbologia alivia a sensação de choque emocional, limpa e clareia as emoções, os pensamentos e o espírito. É nesta aura de tranquilidade espiritual que se “escuta” a voz do silêncio, que ambos conseguem expressar por meio da arte. De qualquer maneira, estas cores revelam o momento de formulação de uma poética individual que pode ser vista na tela e no poema que segue:



2007-Porto- Acrilico S_Tela 30x40.JP

Por um país de pedra e vento duro
 Por um país de luz perfeita e clara
 Pelo negro da terra e pelo branco do muro

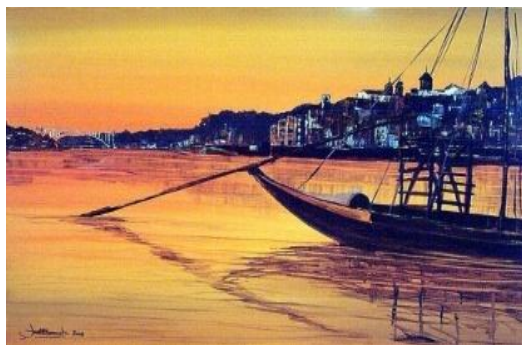
.....
 E pela limpidez das tão amadas
 Palavras sempre ditas com paixão
 Pela cor e pelo peso das palavras
 Pelo concreto silêncio limpo das palavras
 Onde se erguem as coisas nomeadas
 Pela nudez das palavras deslumbradas

– Pedra rio vento casa
 Pranto dia canto alento
 Espaço raiz e água
 Ó minha pátria e meu centro

Desta forma, encontram-se na postura de Sophia Breyner e José Barbosa paralelos, já que ambos têm em mente um ideal de beleza que vai além do representável e se caracteriza a partir da indefinição das palavras que transcendem seus significados.

Na pintura de José Barbosa e na poesia de Sophia Breyner é perceptível a presença do passado. É o reflexo da identificação e identidade dos artistas com a história do espaço em que nasceram. Assim, Bachelard (2005, p.211) afirma que “O tempo e o espaço estão aqui sob o domínio da imagem.” Quando Bachelard aborda sobre a ‘poética do espaço’, sua intenção é analisar os espaços e os objetos de sua composição a partir das palavras no sentido de elevá-lo por meio do devaneio poético. Bachelard mostra que nos espaços que fazem parte do cotidiano do homem, existe poesia. Numa outra concepção de espaço, Merleau-Ponty (1975, p. 287) afirma que “[...] o que ele é, é essa identidade do Ser que sustenta a análise dos talhos doces. O espaço existe em si, ou, antes, é o em si por excelência, sua definição é ser em si.”

Na pintura abaixo, o espaço é o rio D’ouro, tendo como objeto de foco analítico o [barco rabelo](#), símbolo da força e do sacrifício dos homens do [Douro](#), numa época em que a navegação pela barra do [Douro](#) era uma verdadeira odisséia. Tipo de barco apropriado para navegar em águas pouco profundas, mas de rápido movimento, guiado pelo vento.



2002- Rabelo D'Ouro-Acrilico S/ Tela 80x60.jpg

Como um oásis branco era o meu dia
Nele secretamente eu navegava
Unicamente o vento me seguia.

Percebe-se na tela de Barbosa, que ele combina a representação fiel da realidade com sua 'atmosfera' de tons claros, como o amarelo e o laranja, são mantidos puros, isto é, não foram neutralizados com o branco, por isso eles parecem mais brilhantes, proporcionando uma visão dourada do Douro, fazendo jus à identidade do rio. Também, a paisagem pintada, apresenta um sentimento nostálgico, caracteriza-se de um lado pelo seu realismo, e por outro, pela recriação das contínuas modificações das cores da natureza causadas pela luz solar.

No poema de Sophia, percebemos a leveza e a delicadeza com que tematiza a passagem do tempo, a transitoriedade da vida, por meio dos verbos no pretérito (era, navegava e seguia), decorrendo assim, um certo tom melancólico de quem lembra com saudades os bons momentos vividos. Nesta primeira estrofe ocorre uma metáfora, que nos dá a idéia de "paraíso", da paz que existia na alma do "eu" lírico. A construção repetida de pronomes em primeira pessoa (meu, eu e me) é usada para acentuar esse estado interior e a saudade que habita este ser reflexivo. Da mesma forma como foi um dia o rio Douro, em que os rabelos cruzavam, assim "navegava" o eu lírico.

No último verso, chama a atenção ao elemento que acompanha o eu lírico em sua trajetória, o vento, que assim como embalava os barcos no rio, agia sobre o eu lírico que se dizia livre, como o vento. Por ser impalpável e mudar rapidamente de direção, o vento simbolizava a fugacidade, a instabilidade e a vaidade; por produzir *tempestade*, é também símbolo dos poderes divinos ou das paixões humanas; como sopro simboliza a intervenção ou a expressão do espírito divino; por isso os ventos, como os anjos, eram considerados mensageiros dos deuses. Nas tradições persas, o vento desempenhava um papel de suporte do mundo e de regulador dos equilíbrios cósmicos e morais. No islamismo, o vento carrega as águas primordiais que, por sua vez, fazem o mesmo com o trono divino.

A questão do feminino e do erótico na pintura de José Barbosa, sob a ótica comparativa com a poesia de Sophia Breyner, ampliam os limites da arte moderna, ao criar telas que dá voz à sensualidade, ao realçar o corpo como espaço de beleza e poesia.



1999-Pastel s_Papel-40x60-OF.PEDRO.jpg

Rosto desfeito,
 Rosto sem recusa onde nada se defende

 Aqui me sentei quieta
 Com as mãos sobre os joelhos
 Quieta muda secreta
 Passiva como os espelhos

Segundo Adorno (1980, p. 194), a modernidade parte de uma realidade que tem como indivíduo um ser fragmentado que perdeu a sua totalidade. Assim, na pintura de Barbosa, a perda da totalidade pode estar relacionada à perda da identidade e da consciência do ser simbolizados pelo “rosto desfeito” do qual fala o poema de Sophia. A imagem proporcionada pela pintura e pelo poema é a de negação, que constitui uma passagem para o nada e “onde nada se defende”.

Num breve exercício de imaginação e memória, é possível ver na pintura de Barbosa, a temática da consciência feminina, representada pela ausência do rosto, sufocada pela consciência coletiva de uma época em que a mulher, apesar de seus atributos, estava sujeita a uma força domínio superior, impedida de afirmar seu processo de individuação pela sombra do masculino que se firmava sobre ela. Sobre isso, Jung (2005, p. 42) afirma que “a sombra é dotada de um extraordinário poder de resistência: nunca é vencida.” Na tela de Barbosa, a sombra aparece por trás da mulher como um ser que a imobiliza.

Numa outra leitura, é possível ver também, que a pintura e o poema apresentam imagens desordenadas. O rosto desfigurado pelo pincel do artista registra a escuridão sobre o espaço branco, provavelmente na tentativa de mostrar a situação de caos por que passa o pensamento do eu lírico e seu mundo. Também no poema, o eu lírico não se pronuncia, não expressa seu pensamento com clareza, antes prefere ficar em silêncio “muda”. Esse estado de quietude do eu lírico revela o drama de um eu poético perdido em seu tempo, “quieta muda secreta”, postura inerte de um corpo que não expressa nada mais do que uma imagem.

A pintura e o poema, portanto, não se prestam apenas a nos apresentar a realidade de um ser, mas a mostrar uma situação a ele ligada, com intuito de nos remeter a uma reflexão da realidade, revelada nos movimentos que as mãos não tecem no poema, mas que as mãos do pintor teceram na tela. A referência ao “espelho” no poema de Sophia Breyner tem fundamental importância, de um lado, porque traz a idéia da imagem externa, que o espelho colheria, mas que serve de modelo para arte de José Barbosa; de outro, porque o espelho tem relação direta com

a reflexão, não no sentido de criar imagens, mas em relação à capacidade que o eu sujeito lírico tem de análise, de refletir sobre si mesmo, revelando assim, um estado de “transubjetividade da imagem”, da qual fala Bachelard (2005, p.3): “essa transubjetividade da imagem não podia ser compreendida, em sua essência, apenas pelos hábitos das referências objetivas.”

Talvez esse seja o caminho para a abstração de uma verdade consciente dos que vivem o devaneio artístico, uma vez que a arte abstrata é próxima do artista e distante do mundo, como podemos ver na tela de José Barbosa com o título “Estrelar”.



2004-Estrelar - Acrílico e Massa Acrílica s_Tela 150x100

Sozinha estou entre paredes brancas
Pela janela azul entrou a noite
Com o seu rosto altíssimo de estrelas.

No quadro pintado por Barbosa, têm-se um espaço de intenso brilho, formas indefinidas, fragmentos dispostos em reflexos, cujo início e fim não são perceptíveis. Mas que consegue projetar a dispersão do “eu” em direção ao mundo desejado pelo artista, onde a pintura torna-se um espetáculo colorido e um espaço possível de liberdade. Cézanne, citado por Meleau Ponty (1975, p. 293), diz que “A cor é o “lugar onde o nosso cérebro e o universo se juntam” Deste modo, a tela apresenta um espaço onde o pensamento pronuncia suas próprias regras, seu caráter finito dentro de um campo infinito, que é o da abstração. Neste sentido, podemos compreender a declaração feita por José Barbosa: “Embora goste muito de pintar o Porto (paisagens), adoro pintar abstractos, gosto de ver as cores a fundirem-se, a misturar-se, o criar texturas, tudo isso me dá muito prazer, no fim sentar-me em frente ao quadro e ver as formas que criei, de cada vez que o olho vejo novas coisas.”

Na poética de Sophia Breyner, isso ocorre quando o silêncio é evocado através do estado de solidão em que se encontra o eu lírico, “Sozinha” num espaço silencioso “entre paredes brancas”. No entanto, a “noite” entra pela janela e com ela toda a imensidão celeste de estrelas, Trata-se do encontro mágico entre o eu lírico e a luz unificadora que o liga ao etéreo.

Na poética de Sophia vê-se a explosão de novas formas e a temática da solidão, na qual a claridade e a escuridão aparecem como uma abertura para o sujeito lírico mergulhar nas dimensões múltiplas de um eu, ora solitário, ora iluminado, ora sombrio.

Os dois artistas juntam-se numa poética de subjetividade, em que o espaço se revela nos poema de Sophia e na pintura de Barbosa. As vozes do silêncio estão intimamente ligadas a essa visão, pois a abstração exige que se olhe, simultaneamente, para fora e para dentro, não buscando a compreensão, mas sendo receptível ao que é colocado ao nosso olhar, a partir da neutralidade do mundo concreto.

Podemos concluir, portanto, que a poesia de Sophia Breyner e a pintura de José Barbosa dialogam no campo das artes enquanto expressão do eu interior. Os artistas utilizam-se da arte como um meio de transposição, de transcendência da mera realidade, para libertá-los naquilo que, para eles, é inatingível. Essa comunicação se faz pelo silêncio. Lembro aqui, as palavras de Merleau-Ponty, quando diz que a linguagem consegue expressar o sentido do mundo e que o silêncio não é um vazio, onde tudo se perde, mas um repertório comunicativo. Neste mesmo sentido, Sophia Beyner reafirma: “Todo o poeta, todo o artista é artesão de uma linguagem”.

REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor W. *Lírica e Sociedade*. In: *Textos escolhidos*. Tradução de José Lino Grünward [et al] São Paulo: Abril Cultural, 1980.

ANDRESEN, Sophia de Mello Breyner. *Poemas escolhidos*. Seleção de Vilma Arêas. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

BACHELARD, Gaston. *A Poética do Espaço*. 7. ed. Tradução de Antônio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

FROMM, Erich. *Psicanálise da sociedade contemporânea*. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

HALL, Calvin Springuer; VERMON, J Nordby. *Introdução à Psicologia Junguiana*. Tradução de Heloysa de Lima Dantas. 8. ed. São Paulo: Cultrix, 2005.

LEXIKON, Herder. *Dicionário de Símbolos*. Tradução de Erlon José Paschoal. São Paulo: Cultrix, s/d.

MERLEAU-PONTY, Maurice. *O Olho e o Espírito*. Tradução e Seleção de textos de Marilena de Souza Chauí. São Paulo: Editora Abril Cultural, 1975. (Coleção Os Pensadores).

NIETZSCHE, Friedrich. *Além do bem e do mal: prelúdio de uma filosofia do futuro*. Tradução de Antônio Carlos Braga. São Paulo: Editora Escala, s/d. (Coleção Grandes Obras do Pensamento Universal – 31.)

SITE: <<http://josebarbosa.com.sapo.pt/>>. Acessado em: 10 mar. 2010.

SITE: <<http://www.lumiarte.com/luardeoutono/sophiaandressen.html>>. Acessado em: 18 mar. 2010.

Data de aceite: 01.12.2010

REVISTA CEREUS 

Av. Bahia, entre ruas 3 e 4, Telefone: 3612-7602.
<www.revistacereus.unirg.edu.br>. Cep: 77400-100. Gurupi-TO

CENTRO UNIVERSITÁRIO UnirG 

Av. Guanabara, 1842, Centro. Telefone: (63) 3612-7619.
<www.unirg.edu.br>. Cep: 77403-080. Gurupi-TO